



A NATUREZA DO MOVIMENTO IMPELIDO PELO PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES: ENTRE BERTI E FLANERY

Jocilane Monte Sousa Apolinário

Bacharelada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

lanemonte32@gmail.com

Resumo: O trabalho apresentado consiste em uma análise hermenêutica acerca do movimento impulsionado pelo Primeiro Motor de acordo com Aristóteles. Essa temática, introduzida na obra *Metafísica*, parte da questão de como esse ente move sem ser ao mesmo tempo movido, da qual derivam duas distintas interpretações: a da causalidade eficiente e da causalidade final. Tendo isso em vista, o trabalho se propôs a estabelecer um comparativo entre as duas exegeses, sintetizando-as em uma posição última acerca da natureza do movimento referido. Posto isso, a hipótese inicial concebeu a visão finalística como aquela de maior aproximação com o texto de Aristóteles. Para sua verificação, utilizou-se o método bibliográfico de pesquisa, analisando o texto do livro XII da *Metafísica* sob duas chaves interpretativas. A primeira delas pertence a Enrico Berti, em seu livro *Estrutura e significado da metafísica de Aristóteles* ([2006] 2012a) e no artigo “La causalidad del Motor inmóvil según Aristóteles” (2012b), onde teoriza a contradição existente entre a essência do Primeiro Motor, que é ato, e a compreensão finalística do inteligível, do desejável e do amor diante do entendimento do primeiro movimento e da finalidade dos entes. A segunda é proposta por Kevin Flanery, no artigo “A causalidade do Deus aristotélico: a propósito da interpretação de Enrico Berti a respeito do primeiro motor imóvel” ([2011] 2014). Nele, o autor afirma a concomitância da eficiência e finalidade, concebendo a primeira esfera como estática em relação ao Primeiro Motor. Diante disso, verificou-se na concepção flaneryana maior plausibilidade, confirmando a hipótese e alcançando o objetivo proposto.

Palavras-chave: Primeiro Motor. Primeira Esfera. Causa Eficiente. Causa Final. Causalidade.

Anais da XX Semana de Filosofia – UVA - Artigos

Revista Eros, Sobral, v. 5, n. 1, pp. 120-138, jan./jun. 2026.

RESUMEN: Este trabajo consiste en un análisis hermenéutico del movimiento impulsado por el Primer Motor de acuerdo con Aristóteles. Este tema, introducido en la Metafísica, surge de la pregunta de cómo esta entidad se mueve sin ser movida simultáneamente, de la cual se derivan dos interpretaciones distintas: la causalidad eficiente y la causalidad final. Con esto en mente, el trabajo tuvo como objetivo establecer una comparación entre ambas exégesis, sintetizándolas en una posición final respecto a la naturaleza del movimiento mencionado. Por lo tanto, la hipótesis inicial concibió la visión finalista como la que más se ajusta al texto de Aristóteles. Para verificar esto, se utilizó el método de investigación bibliográfica, analizando el texto del Libro XII de la Metafísica bajo dos claves interpretativas. La primera teoría pertenece a Enrico Berti, en su libro *Estructura y significado de la metafísica de Aristóteles* ([2006] 2012a) y el artículo “La causalidad del motor inmóvil según Aristóteles” (2012b), donde teoriza la contradicción entre la esencia del Primer Motor, que es el acto, y la comprensión finalista de lo inteligible, lo deseable y el amor a la luz de la comprensión del primer movimiento y el propósito de los seres. La segunda teoría es propuesta por Kevin Flanery, en el artículo “La causalidad del Dios aristotélico: Respecto a la interpretación de Enrico Berti del motor inmóvil” (2014). En él, el autor afirma la concomitancia de eficiencia y propósito, concibiendo la primera esfera como estática en relación con el Primer Motor. Dado esto, la concepción flaneriana resultó más plausible, confirmando la hipótesis y alcanzando el objetivo propuesto.

Palabras llave: Primer Motor. Primera Esfera. Causa Eficiente. Causa Final. Causalidad.

Introdução

O problema acerca do movimento do universo e sua origem foi, na Antiguidade, alvo de grandes debates, sendo abordado inicialmente por

autores do período pré-socrático ao socrático. Aristóteles, buscando elucidar essa questão, a tematizou em sua obra *Metafísica*, introduzindo o conceito de motor imóvel e distinguindo-o entre o Primeiro Motor e as esferas subsequentes. Esse esforço, todavia, não escapou às distintas abordagens hermenêuticas que a obra recebeu ao longo do tempo. Eixos problemáticos, como a tensão entre a ontologia e a teologia, representada pelos autores Nartop e Jeager, e o problema do ser como objeto da ontologia, discutido por Aubenque e G. L. Owen (Xavier, 2025), marcaram gerações de pensadores aristotélicos.

Inserindo-se na discussão posta frente à teologia, surge o questionamento a respeito da natureza do absoluto nesse sistema – o princípio do movimento dos céus, que move sem ser ao mesmo tempo movido. A esse respeito, duas correntes de interpretação se estabelecem em oposição: a que compreende esse princípio enquanto causalidade eficiente do universo; e a que o entende enquanto causalidade final. Buscando estabelecer uma avaliação e síntese acerca das duas propostas hermenêuticas, identificaram-se dois de seus representantes, com suas respectivas obras. Enrico Berti, a partir dos textos *Estrutura e significado da metafísica de Aristóteles* (2012a) e “La causalidad del Motor inmóvil según Aristóteles” (2012b), e Kevin Flanery, mediante o artigo “A causalidade do Deus aristotélico: a propósito da interpretação de Enrico Berti a respeito do primeiro motor imóvel” (2014).

1 A interpretação de Enrico Berti

A proposta hermenêutica apresentada por Enrico Berti se dá, primariamente, por meio da contraposição à teoria identificada como “tradicional”. Esse modelo, segundo o autor, teria se originado com Alexandre de Afrodisia, que compreendeu haver uma relação de amor entre o primeiro motor e o primeiro céu, sendo esse último animado e

imitador daquele. Essa concepção recebeu ainda maior fundamentação à medida que foi continuada e ampliada por comentadores medievais, como Avicena, Averróis e Tomás de Aquino, que, conforme Berti, inclinaram a teoria aristotélica a uma unificação com o platonismo médio¹. Essa perspectiva “tradicional”, fundada prioritariamente na leitura do capítulo 7 do livro Lambda (XII), recebeu o nome de finalista, visto sua conclusão de que o movimento impresso pelo primeiro motor se dava por ser este o fim ao qual inclinam-se todas as coisas – mormente o primeiro céu. Seus opositores, dos quais Berti é constituinte, partiram de um pressuposto contrário: pela leitura do capítulo 6 do mesmo livro, compreenderam existir um movimento de natureza eficiente, que originaria no próprio motor, e não na sua finalidade, o princípio do movimento.

Tratando do primeiro postulado sobre o qual se fundamenta a posição bertiniana, tem-se o entendimento de que a essência própria do Primeiro Motor é ato e se manifesta necessariamente de tal maneira. Essa proposição se dá a partir da expressão contida no início do capítulo 6, quando Aristóteles cita um “motor eficiente” (*Metafísica*, XII, 1071 b 12), isto é, um produtor, termo aplicado posteriormente para distinção frente à causalidade final (Berti, 2012b). Outrossim, o hermeneuta cita toda a argumentação posta acerca da impossibilidade de um motor imóvel incutido de possibilidade, segundo o qual, se a atuação deste não fosse efetiva, estaria comprometido todo o movimento do primeiro céu e, conseqüentemente, de todo o universo, rompendo com a sua já atestada eternidade. Desse modo, para não incorrer em aporia, é necessário

¹ O platonismo médio foi um platonismo desenvolvido no período posterior à Academia, indo desde o pensador Eudoro e estendendo-se por todo o século II d.C. Nele, não havia mais as antigas características platônicas, nem ainda aquelas que Plotino posteriormente incorporaria. Por causa disso, foi definido como um período intermediário, marcado pelo retorno ao suprassensível e à teoria das ideias, buscando integrá-las com a filosofia aristotélica (Reale, 1990).

conceber um Primeiro Motor operante, que esteja executando a ação do movimento - o que não é o caso da finalidade, que não exerce atividade.

Concernente ao segundo argumento desenvolvido por Berti, tem-se a contraposição identificada entre Aristóteles e Platão, visto a insuficiência das formas imóveis platônicas na discussão estabelecida. O trecho citado para corroborar inicial dessa tese é o que se segue imediatamente após a proposta de um “produtor”: aquele que afirma não haver vantagem na concepção de formas eternas (as platônicas) que não possuem, intrinsecamente, a possibilidade de mover (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1071 B 15). Nesse ínterim, o autor depreende a necessidade de imobilidade (em relação a si) e atividade (em relação ao universo) no Primeiro Motor, cujo movimento impulsionado não se coaduna, logicamente, com substâncias inanimadas tais como as *eide* (formas). Mesmo na alma do mundo, proposta na obra platônica *As Leis*, tem-se um princípio que, apesar de ato, é imanente e, portanto, possui potência, de modo que poderia ao mesmo tempo impulsionar o movimento eterno dos céus, como fazê-lo cessar (Berti, 2012a, p. 158, 159). Desse modo, a conclusão posta é que esse motor imóvel, na reunião de suas qualidades, abarca em si diferentes substâncias platônicas e difere-se delas exatamente por ser eficiente. Caso ele fosse final, isso conduziria à reflexão de por que o Bem, fim a que tendem todas as coisas em Platão, não seria suficiente a esse ensejo.

Acerca do terceiro argumento posto por Berti, tem-se o início do capítulo 7 e suas proposições, principiando por aquela que assevera ser o movimento do Primeiro Motor como aquele executado pelo inteligível e pelo desejável. Com base nisso, o hermeneuta justifica o uso desse recurso qualificando-o como um comparativo entre o movimento do Primeiro Motor e a atração do inteligível e do desejável, aplicado para explicar o modo como o motor imóvel move sem ser movido. Nesse sentido, o autor argumenta que, caso esse trecho apontasse verdadeiramente para a finalidade, isso incorreria em contradição com

as afirmações de Aristóteles no *De Anima* (Da alma), segundo o qual o desejo deve ser um bem realizável por meio de uma ação (Berti, 2012b, p. 10), que também implicaria posse (Berti, 2012a, p. 164). Um segundo resultado disso seria a constatação de que a primeira esfera, que primeiramente recebe esse impulso, é portadora de alma ou minimamente animada, haja vista sua capacidade de desejar. Ambas as afirmações não se verificam no sistema aristotélico.

Complementando essa questão, quanto ao inteligível, Berti destaca a distinção entre o que é inteligível por si e o que é inteligível para os homens, compreendendo haver um fim interior em cada entidade, que não aponta para o Primeiro Motor. Para isso, o autor se apropria do trecho da *Metafísica* que indica duas séries inteligíveis, das quais é necessário que uma o seja por si mesma (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1072 a 30-31). Diferentemente da interpretação que remete as séries à concepção pitagórica de que a realidade se divide em duas séries de opostos, positivos e negativos, Berti as compreende como duas séries de inteligíveis: uma inteligível para o homem e a outra por si mesma. Nesse argumento, Berti destaca no inteligível em si as substâncias, e entre estas o Primeiro Motor, que, coincidindo com o desejável em si, é considerado o bem supremo em si mesmo, mas não em relação a nós (cf. Berti, 2012b). Diante disso, ele estabelece um paralelo entre essa concepção e a lista formulada na obra *De Caelo* (Do céu), que faz divisão entre astros e objetos mundanos (corpos humanos, animais). Conforme o autor, da mesma maneira que há entre esses entes uma cisão, de modo que ocupam posições distintas, sua finalidade também está cindida, mesmo porque o bem a que o homem se inclina é, como a felicidade, prático. Desse modo, assim como no *De Caelo* cada astro tem seu próprio fim, aqui também cada um o realizaria, alcançando seu bem pela ação e participando mais ou menos do melhor, dado que o motor imóvel lhes é inatingível e fim de si mesmo (cf. Flanery, 2014).

Outrossim, Berti ataca outro argumento finalista que restaria ainda para a fundamentação da causa final do Primeiro Motor: a afirmação de Aristóteles de que os primeiros céus se movem “como amado, e por meio daquilo que é movido, move outras...” (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1072 b 3-4). Essa proposição é combatida por Berti tanto em sua tradução tradicional como na relação que ela propõe ao motor imóvel com aquele que ele move. Acerca da tradução do trecho referido, o autor postula duas questões: a possibilidade de lê-lo como “ele se move como amado e aquilo que é movido move outras...” e do termo *eros* para a descrição desse amor (Berti, 2012a, p. 167). No que diz respeito ao primeiro caso, ele assevera que essa tradução, realizada por David Ross, permite a interpretação de um movimento que parte diretamente do Primeiro Motor, contrariando a tendência finalista que põe no seu intermediário (o primeiro céu) a função de mover dessa maneira. Contudo, mesmo se fosse considerada essa versão, vinculada a ela haveria a dificuldade de associar ao motor imóvel esse termo comumente aplicado a apetites sensíveis (*eros*). Diante disso, a explicação mais razoável, consoante o hermeneuta, é que a expressão é dada de maneira apenas comparativa, haja vista o advérbio “como” empregado imediatamente depois de implicar o movimento. Apesar disso, considerando a efetividade desse amor, Berti esclarece: tal proposição não poderia ser resultado de uma descrição da relação do Primeiro Motor com o primeiro céu, mas tão somente dele consigo mesmo. Para essa compreensão, o autor precisa que, para ser amado por outrem, o Primeiro Motor precisaria ser alvo do amor do primeiro céu, que, como posto, tampouco poderia amá-lo, visto ter como fim seu próprio bem e não ser portador de alma. Diferentemente disso, o que o hermeneuta propõe é que, sendo a atividade do motor imóvel encerrada em prazer, ela só poderia ser um fim em si mesma e alvo do seu próprio amor - à medida que pensa o que há de melhor (ela mesma), conhece e ama a si mesma. É por ser dotado dessa capacidade, própria de uma

pessoa (cf. Berti, 2012a), que é reafirmada sua causalidade eficiente. Sendo ele em si mesmo necessário, mas o primeiro céu, contingente, a relação entre eles só poderia depender de um movimento, não de uma finalidade.

Por fim, recorrendo acerca da teoria que lhe é contraposta, Berti assevera a influência que esta sofreu dos ideais criacionistas e platônicos, mediados por Teofrasto. Conforme o autor, é somente em um contexto de criação que a causalidade final faria sentido, visto que nela o criador, sendo fim de si mesmo, inclina suas criaturas igualmente para si. No ponto de partida eficiente, a causa que tudo move orienta cada coisa para um fim concedido especificamente a ela, de acordo com sua natureza. Desse modo, questões como as supracitadas, originadas já nos alunos de Aristóteles, são resultado de uma leitura que, gradativamente, platonizou a obra aristotélica. Conceitos como o de desejo e de imitação, aplicados pela teoria finalista, foram usurpados e geraram uma teologia que David Ross reconheceu, em seu ensaio introdutório, como insatisfatória (Berti, 2012b, pág. 21).

2 A interpretação de Kevin Flanery

A proposta hermenêutica apresentada por Kevin Flanery enquadra-se na já elucidada teoria tradicional, de caráter finalista. Esta, posta em questão diante dos desafios propostos por Berti, encontra em Flanery a defesa dos seus fundamentos. Para isso, o hermeneuta se utiliza de dois textos principais, em que se concentram os argumentos bertinianos: os artigos “La causalità del Motore immobile secondo Aristotele” e “Da chi è amato il Motore immobile?”. É a partir destes trabalhos que o autor formulará sua posição, tendo como tese primária a do movimento circular dos céus.

Primeiramente, tratando do postulado sobre o qual converge a estrutura hermenêutica de Flanery, tem-se a concepção de que a primeira esfera, enquanto executora de um movimento circular, não se move (Flanery, 2014, p. 181). Essa proposição, conforme o autor, tem seu primeiro pressuposto na definição de movimento estabelecida por Aristóteles, segundo a qual este consiste em uma passagem de um ponto A para o ponto C, passando pelo B. Desse modo, seriam necessários três momentos: o princípio, o meio e o fim, em uma linearidade. O movimento circular da primeira esfera celeste, porém, atua diferentemente, de modo que toda sua periferia é início, meio e fim, dada sua completude. Ao mesmo tempo, seu centro é repouso, não se desloca no espaço. Como diria Aristóteles na Física, VIII, 9, “em certo sentido, a esfera é [está] em movimento e em repouso, pois ela ocupa o mesmo lugar.” (Flanery, 2014, p.181).

Ademais, o estado de repouso da primeira esfera também é atestado mediante um trecho da Física, IV, 5, em que Aristóteles assevera, de maneira mais concreta, essa realidade. Consoante o filósofo, ao estabelecer um comparativo entre a atuação de uma massa de água e aquela ocorrida no seu interior, pode-se inferir que, semelhante a ela, a primeira esfera celeste também comporta movimentos dentro de si, mas é, ela mesma, parada. Desse modo, sendo a superfície do próprio universo, ela não se move, pelo menos não em relação ao Primeiro Motor (Flanery, 2014). Antes, em vez de mover-se para ele, permanece igualmente estática - não em imitação, mas em participação de sua imobilidade. Em relação ao universo, diferentemente, o primeiro céu constitui-se “ativo e vigoroso”, derivando do Primeiro Motor o poder para mover as demais esferas, aspecto em que se distingue das formas imóveis propostas por Platão.

Em seguida, aplicando esse conceito, Flanery trata a questão da natureza ativa do Primeiro Motor, estabelecendo sua simultaneidade com a finalidade. Consoante o autor, em Aristóteles, a causalidade

abrange tanto o físico quanto o não físico, isto é, tanto a causa final (sem movimento), quanto a eficiente (com movimento). Isso se dá pela combinação entre a mudança, que insere o motor na periferia da esfera, e a não mudança, dada no repouso do centro da circunferência. Nesse sentido, tem-se no primeiro caso o movimento em relação ao resto do universo, e no segundo, aquele que é em relação ao motor imóvel (que é nulo, visto não ter movimento). Desse modo, o Primeiro Motor é reafirmado como objeto de desejo e inteligibilidade, responsável por impulsionar o movimento dentro do universo (Flanery, 2014).

Entretanto, surge a partir disso uma nova problemática: conforme Berti, se fosse causa final do universo, urgiria ao Primeiro Motor ser um fim prático, o que lhe seria essencialmente impossível, dada sua imobilidade (Berti, 2012b, p. 15). Essa proposição, para Flanery, poderia ser superada diante da já atestada ausência de movimento da primeira esfera, pelo menos em relação ao Primeiro Motor. Acerca disso, contudo, figura-se ainda a afirmação aristotélica de que o Primeiro Motor move como objeto de amor (cf. Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1072 b 3-4). Ocupando-se dessa questão, Flanery constata as associações do argumento bertiniano com a obra *De Anima*, que afirma o objeto de desejo como um bem prático, e com a *Ética a Eudêmico*, que afirma a impossibilidade do Motor imóvel ser prático, apontando as problemáticas.

A principal deriva-se da própria concepção do que seria um desejo ou pensamento prático, visto que a praticidade depende, sobretudo, do efeito exercido naquilo que é movido ou inclinado para. Nesse ínterim, o hermeneuta apresenta a solução desenvolvida por Trendelenburg: segundo esse autor, enquanto motor de desejos, o motor imóvel permanece inalterado. Sua mutação se daria apenas diante de apetites. Essa distinção, como explica Flanery, é importante porque é exatamente de apetites humanos (como a comida e a bebida) que o *De Anima* discorre ao asseverar o objeto de desejo como fim prático. Contudo, no

caso do Primeiro Motor, o que o objeto do desejo e do pensamento move não é a avidez da alma humana, mas o “amor e a admiração da primeira esfera” (Flanery, 2014, p. 186). Desse modo, por não haver movimento entre a primeira esfera e o Primeiro Motor Imóvel, este não pode ser considerado prático. Embora seja assim, sua razão não é a ausência de finalidade, mas que a coisa que o ama não se move para o motor imóvel por apetites, mas por amor.

Ademais, abordando ainda o conflito posto frente ao amor com que moveria o Primeiro Motor, Flanery precisa a qualificação deste enquanto Belo. Conforme o autor, essa qualidade é atribuída ao motor imóvel ainda no início do capítulo 7 do livro *Lambda* e torna-se útil porque entre o Belo e aquilo que o ama não há movimento. O Bem, diferentemente, está sempre em uma ação, mas o Belo está também nas coisas imóveis. Dessa maneira, reafirma-se a imobilidade, sem retirar dela a causalidade final. Isso porque, apesar de a relação entre a primeira esfera e o Primeiro Motor não ser a de uma alma humana para com um bem prático, ainda há desejo. Este, entretanto, não se manifesta por meio de desejos baixos, mas através da vontade, relação que não nega a finalidade nem conduz o Primeiro Motor para si mesmo. Antes, aproxima-se de algo diferente, em um processo que não compreende o movimento estritamente, mas é preenchido por uma potência que conduz o amor à beleza (Flanery, 2014, p. 188).

A partir disso, a compreensão bertiniana acerca das diferentes finalidades dos entes é posta em questão. Conforme Flanery, essa conclusão estaria fundamentada em um deslocamento acerca das séries paralelas identificadas no capítulo 7 do livro XII. Nesse âmbito, a afirmação prática é deslocada para uma abordagem teorizante, onde se postula a distinção entre o que é conhecido por nós e as coisas que são conhecidas “em si”. Essas séries, propostas em *De sensu et sensibilibus* (Do sentido e dos sensíveis), tratavam originalmente da relação entre as diferentes faculdades (sentidos) e seus objetos, destacando a melhor

perceptibilidade daqueles que são simples. Apesar disso, caso seja considerada a interpretação de que essa segunda série seria a expressão da inteligibilidade em si, disso não se derivaria a anulação das outras. Desse modo, a abordagem adotada por Flanery é que a citação não interrompe a explicação da relação entre a primeira esfera e o Primeiro Motor, mas lhe dá continuidade através do esquema do *De sensu*, pondo na primeira coluna² o intelecto e na segunda o inteligível, sem uma ênfase particular no compreensível per si.

Nesse sentido, também, destaca-se o esforço empreendido por Berti ao lidar com o comparativo aristotélico entre o movimento dos céus e a prática de exercícios humanos. Essa tese é desenvolvida por Aristóteles para a justificação da não progressividade do movimento celeste, propondo que, assim como há casos de pessoas que precisam da prática contínua de exercícios e aquelas que parecem estar sempre em boa forma, sem muito esforço, há astros que precisam de mais ou menos movimentos. A partir disso, Berti enfatiza o trecho acerca da terra e seu pouco movimento, um dos astros sobre os quais é dito que “não alcançam o fim último, mas podem chegar até algo do divino princípio” (Aristóteles, *Metafísica*, XII). Em sua interpretação, seria esse o indicativo de que os astros e suas esferas seriam dotados de uma finalidade interna, que não é o Primeiro Motor. Há, também, a menção do *De Caelo* sobre o ente sem necessidade de movimento que é “ele próprio de fato o fim, enquanto que a ação requer sempre duas coisas, isto é, o fim e aquilo que é em vista dele” como argumento para a separação do Primeiro Motor, asseverando sua finalidade apenas em si mesmo.

Tendo em vista essas colocações de Berti, Flanery pontua que o trecho referido de *De Caelo* é composto de cinco listas paralelas, duas

² As colunas compõem a explicação de Aristóteles acerca da relação entre as faculdades e seus objetos. As duas são postas paralelamente, de modo que “a vista está em relação ao visível, assim [como] o gosto está em relação ao saboreável” (cf. Flanery, 2014).

das quais discorrem sobre os corpos astronômicos e três de coisas mais mundanas (corpos humanos, almas humanas, animais) que se organizam em quatro elementos. Em cada lista há quatro elementos, divisões sobre as quais manifesta-se o domínio representado na lista. O quarto, posto nas diferentes listas, é aquele que contém as coisas que não buscam um fim último, mas um substituto que se aproxime. Os seus superiores formam a gradação rumo ao movimento simples, onde se poderia identificar a primeira esfera e o Primeiro Motor. Embora seja assim, esse quarto elemento parece estar sempre buscando o melhor, chegar a “algo do divino princípio” (Aristóteles, *Metafísica*, número do livro). Nesse ínterim, a finalidade pontuada parece se desvincular de uma modalidade interna, buscando para si, em alguma medida, o Primeiro Motor. Outrossim, quanto à possível separação deste, tem-se na leitura do trecho citado uma interpretação oposta: por ele, compreende-se que, enquanto o intelecto ativo não comporta nenhuma ação, o segundo membro da divisão sim, de modo que seus respectivos representantes, o Primeiro Motor e a Primeira Esfera, permanecem em relação (Flanery, 2014, p. 194).

3 Avaliação das propostas

Tendo em vista as propostas hermenêuticas apresentadas pelos autores, é mister, a partir de então, a análise comparativa para a realização da síntese pretendida. Nesse sentido, destaca-se primeiramente a postura argumentativa de Berti, manifestada na formulação de sua tese mediante alguns argumentos de redução ao absurdo. Essa estrutura, identificável em diversas de suas colocações, dá-se a partir de uma suposição inicial que, conduzindo a uma contradição lógica, é por fim falseada.

Isso pode ser observado, por exemplo, na justificação da eficiência que ele estabelece através da essência ativa do Primeiro Motor. Nessa formulação, o autor tem diante de si a afirmação tradicional de que é possível conciliar essa qualificação com a causalidade final. No momento seguinte, explicita que, se assim fosse na realidade, esse Primeiro Motor, apesar de ato, não seria operante, o que seria uma contradição. Desse modo, ele conclui que não é pela finalidade que ocorre o primeiro movimento impulsionador do universo. Em seguida, continua a sua arguição com a replicação dessa estrutura, pela qual atesta como implicações da causalidade finalística a: platonização da metafísica aristotélica; a mobilidade do motor imóvel, visto que o fim do homem deve ser prático; e a presença de alma na primeira esfera, pela qual torna o Primeiro Motor alvo de seu desejo e amor.

Posto isso, permanece uma questão: na formação desses argumentos, a negação da causalidade final implicaria, necessariamente, na afirmação da causalidade eficiente? No caso acima detalhado, isso não se verifica, visto que a atuação operante não reduz à unicidade as possibilidades de causalidade. No caso da argumentação da platonização, por sua vez, a redução ao absurdo atinge seu objetivo, concluindo, a partir de sua estrutura, a impossibilidade do Primeiro Motor ser causa final do homem. A esse respeito, entretanto, Flanery contra-argumenta atacando o pressuposto da praticidade, asseverando, em vez disso, o amor e a admiração como desejos independentes da ação.

Concernente à comparação do Primeiro Motor ao inteligível, ao desejável e ao amor, que é a redução verdadeiramente efetiva, a inferência de que a alma é a prerrogativa para a consideração dessas inclinações torna problemática a justificação contrária. Flanery, tratando disso, fala de um “tipo de alma” que executa essas funções, mas não fornece mais elementos para sua fundamentação.

Enfatizando, em segunda instância, a proposta de Flanery, destaca-se uma outra estrutura - argumentos que se estabelecem a partir de um pressuposto inicialmente dado, qual seja: a imobilidade da primeira esfera diante do Primeiro Motor. É considerando isso que o autor postula a conciliação das duas causalidades, visto que a primeira esfera possui em si o repouso e a atividade. É a partir disso também que ele reafirma o desejo existente entre Primeiro Motor e o primeiro céu, visto não encerrar em si ação, apenas admiração que, pela vontade, conduz do amor à beleza. Por fim, é baseando-se nisso que o hermeneuta desarticula a compreensão da multiplicidade de fins, considerando a relação entre Primeiro Motor e primeira esfera na leitura de *De Caelo* e sua relação entre as linhas paralelas e a finalidade dos entes.

Sob o predomínio desses aspectos, é possível afirmar a primazia da concepção flaneryana da causalidade final. Apesar disso, há ainda, fora de seu alcance, dois argumentos secundários postos por Berti. Embora haja lateralidade neles, considerou-se importante sua tratativa, mormente no segundo caso. Primeiramente, acerca da tradução de alguns trechos do capítulo 7 do livro *Lambda*, tem-se a problemática posta a respeito da frase “ele se move como amado e aquilo que é movido move outras...” e do termo *eros* para a descrição do amor. Neles, a argumentação bertiniana busca estabelecer o amor como recurso apenas comparativo na explicitação da natureza do Primeiro Motor, destituindo-a de quaisquer aplicações finalísticas. Flanery, discorrendo sobre as traduções e reconstituições da *Metafísica*, afirma introdutoriamente em seu artigo a dificuldade dessa análise pelo caráter recalcitrante do texto aristotélico, que além de ter sido corrompido, desenvolve-se com uma extrema concisão, permitindo diversas interpretações. É nesse viés que parecem atuar as pontuações de Berti a respeito dos termos originais e das traduções postas sobre o amor. A eles, não há mais nenhuma instância de contra-argumentação por parte de Flanery.

Ademais, no que tange ao argumento posto por Berti sobre a platonização da interpretação final (segundo caso da redução ao absurdo), é mister maior atenção. Essa questão, abordada superficialmente por Flanery ao tratar o viés ativo e passivo do primeiro movimento, pode ser mais bem fundamentada a partir da teoria introduzida por Werner Jaeger. Conforme o autor assevera em sua obra *Aristóteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual* (1946), a obra aristotélica é assistemática e a ideia de que a Metafísica foi uma produção tardia tem sido gradativamente desconsiderada. Isso ocorre diante das discontinuidades constatadas na progressividade da obra, apontando para textos que foram produzidos em uma versão precedente, nos períodos imediatamente anteriores e posteriores à morte de Platão.

Essa compreensão, aplicada ao livro XII aqui abordado, permite conclusões ainda mais favoráveis à platonização. O livro é utilizado por Jaeger como demonstração da veracidade de suas afirmações, identificando-o como uma seção independente, que não mantém a relação esperada com os anteriores. Segundo ele, através desse livro é possível observar o “período teológico” do pensamento aristotélico, quando as formas imanentes não estavam integradas à metafísica, apenas ao motor transcendente. Tendo isso em vista, Jaeger o qualifica como uma produção de um estágio pregresso, “puramente platônico” (Jaeger, 1946, p. 255), visto que não reconhecia a substância sensível como constituinte da filosofia primeira, mas apenas uma parte específica, absoluta em valor e realidade, como o fazia o próprio Platão. Em complemento a isso, Jaeger aponta a realidade dessa aproximação na necessidade que o livro impõe de um fim último e transcendente por meio do qual os fenômenos sensíveis seriam “salvos”.

Tendo isso posto, pode-se depreender finalmente a explicação para o argumento último que se interpunha entre Berti e Flanery. A causalidade final pode ser inferida do livro Lambda não por

desconsiderar sua platonização, mas exatamente em razão dela. A hermenêutica de Berti, em sua tentativa de retirar Aristóteles dessa influência, não logra êxito, pois ela lhe é originalmente intrínseca, formulada em um período anterior da filosofia aristotélica e posta na *Metafísica* como complemento teológico à tese da substância. Desse modo, apesar das distinções identificáveis com a obra de Platão, reconhecem-se também suas semelhanças e a finalidade que lhes é comum na compreensão do ser absoluto, tal como defendido por Flanery.

Conclusão

A discussão acerca da natureza do movimento impresso pelo Primeiro Motor encontrou, em Berti e Flanery, ampla fundamentação. A causalidade eficiente, conforme a interpretação do capítulo 6 do livro XII por Berti, enfatizou a necessidade de uma atuação operante do motor imóvel, entendendo-o como fim de si mesmo. Nesse ínterim, o inteligível e desejável citados são vias para sua interioridade e o amor é utilizado apenas para comparação e explicitação do seu movimento. Os demais entes, por sua vez, teriam sua própria finalidade interior a ser alcançada, sendo a causalidade final resultado apenas de uma platonização de Aristóteles.

Flanery, buscando resgatar a causalidade final e fundamentá-la, enfatizou sua interpretação com base no capítulo 7 do mesmo livro, concebendo a primeira esfera em repouso diante do Primeiro Motor e atuante frente ao universo. Essa teoria o permite depreender: a presença das duas causalidades no mover dos céus (final e eficiente); a relação de vontade entre primeira esfera e Primeiro Motor, manifestados em um desejo admirador, que conduz o amor à beleza; o Primeiro Motor como

fim a que tendem todos os entes, alcançando-o em menor ou maior medida.

A partir disso avaliou-se, para a síntese pretendida, o desenvolvimento dos argumentos apresentados e a qualidade das respostas dadas às questões estabelecidas. Nesse sentido, Flanery se destaca, tendo como exceção os problemas de tradução e da platonização apontada por Berti. A esse respeito, insere-se na discussão Jaeger e sua tese da formulação anterior desse livro, identificando-o como uma derivação da metafísica de Platão. Dessa forma, a causalidade final é estabelecida como integrante do movimento impulsionado pelo Primeiro Motor, com a possibilidade de aprofundamento nos temas da tradução e do recurso comparativo utilizado na obra.

Referências

ANTISERI, D; REALE, G. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção filosofia)

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2ª edição revista. Tradução de Viviane de Castilho Moreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025. (Coleção Pensamento Humano)

BERTI, E. *Estrutura e significado da metafísica de Aristóteles*. Organizado por Ignazio Yarza; tradução de José Bortoloni. São Paulo: Paulus, 2012a. - (Coleção Philosophica / coordenada por Rachel Gozolla). Original de: 2006.

BERTI, E. La causalidad del Motor inmóvil según Aristóteles. *Sapientia*, v. 68, n. 231-232, p. 5-22, 2012b. Original de: 2005.

CASTRO, M. C. de. *Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos em Filosofia*. Mariana: Faculdade Dom Luciano Mendes, 2017.

FLANERY, K. A causalidade do Deus aristotélico: a propósito da interpretação de Enrico Berti a respeito do primeiro motor imóvel. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 41, n. 130, 2014. Original de: 2011.

JEAGER, W. *Aristoteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*. México: Fondo de Cultura Economica, 1946.

XAVIER, G. G. Um legado inquieto: panorama dos principais problemas da Metafísica de Aristóteles no último século. *Nunt Antiquus*, Belo Horizonte, v.21, n.1, p. 1-24, 2025.